

O Guardador de Gatos

Mára Carmello

Segundo Lugar

**Prêmio Eliane Ganem
de Literatura Infanto-Juvenil**

Copyrighth by Mára Carmello

Impressão Virtual: Arte Final Criação Livre Ltda.
e-mail: artefinaleditora@oi.com.br
tel.: 21 2616-2727

Proibida a Reprodução Total ou em parte sem o
consetimento do Autor.

Carmello, Mára

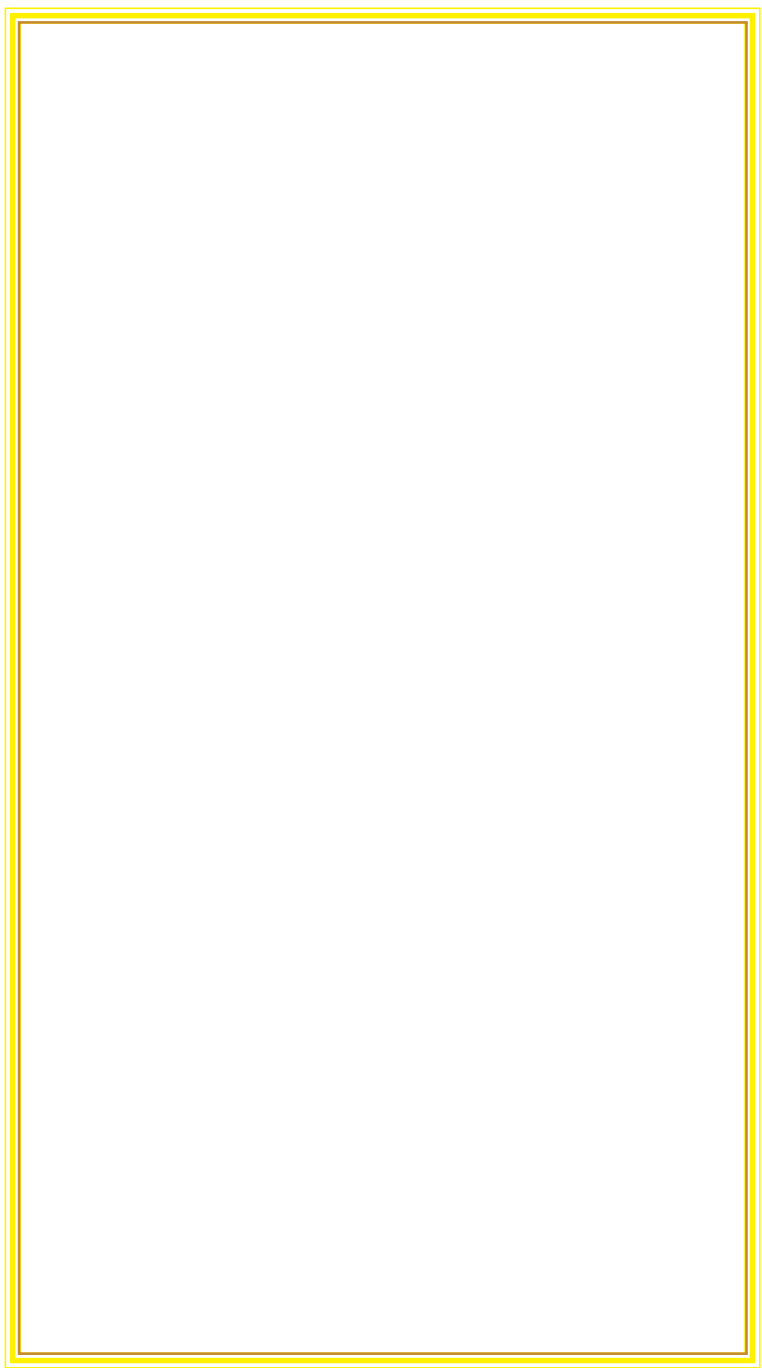
O guardador de gatos/ Mára Cristina Carmello
Rio de Janeiro/ Arte Final Criação Livre Ltda.

28 p

1. Literatura Infanto-Juvenil I. Título

2009

O Guardador de Gatos



**Aos amigos
Bambi, Tiquinho, Fifi, Juli, Bob, Bolinha, Bola
Junior, Peroba, Dilma, Tigresa, Jack e Fiapo,
que me trouxeram paz e alegria durante todos
estes anos.**

Minha missão é guardar histórias.
Na verdade sou um guardador de
histórias especializado.
Guardo histórias sobre gatos.

Conheço gatos de todas as cores, tipos e
tamanhos. Cuido para que eles não sejam
esquecidos pelas falhas da memória
humana. Minhas linhas são quartos que
acomodam gatinhos. Mas as palavras não
podem ser jogadas no papel de qualquer
jeito, passando frio ou calor. É preciso
aninhar as frases com muito jeito. Quando as
palavras estão à vontade, mostram beleza e
sensibilidade.

Inicialmente, um alerta
*Gatos não possuem sete vidas e não
existe gato reserva.*

Quando você fecha seu diário, suas
histórias dormem. E o sono as rejuvenesce.
Escritas em mim, suas lembranças estarão

**sempre atuais e ganharão cada vez mais
importância.**

**Quando a menina completou dez anos, sua
tia deu-me de presente a ela, que
imediatamente desenhou vários gatinhos em
minha capa. Assim começamos nossa
amizade.**

**Na primeira página, ela explicou que gostava
de escrever poesia porque dentro dela
cabem todos os gatos de sua vida. Morando
dentro da poesia, eles permanecem vivos.**

**Funciona dessa maneira
*Quando um gato silencia, passa a morar no
poema da menina. E o poema fica guardado
em mim.***

**Um gato jamais caminha pelo óbvio
Só pisa o secreto
Esgueira muros desconhecidos
Arranha paisagens ocultas.**

A menina tinha um gato amarelo que a acordava todas as manhãs. Enroscava-se manhoso no seu cabelo até ela se levantar para tomarem o café da manhã. Em seguida ela ia para a escola e ele ficava na cama, aproveitando a almofada macia.

Falsas teorias

**Gatos não gostam do dono, só da casa.
Gatos são bajuladores.
Gatos sofrem de asma.**

Logo nas primeiras histórias, descobri que os homens possuem o hábito de projetar suas mesquinhas sobre os animais.

Era na varanda da casa, dormindo enrodilhado sob o sol, que o gato amarelo esperava a menina chegar da escola. Almoçavam juntos e depois brincavam na rede, na terra, no quintal.

Teorias verdadeiras

**Gatos não gostam de dormir no chão.
São especialistas em arrumar lugares
aconchegantes.
Principalmente a sua cama.**

**Quando o gato amarelo comeu carne
envenenada, veio morar aqui dentro.
Fiquei desconfiado que pessoas que não
tiveram bicho de estimação também não
tiveram infância. Gente que não gosta de
animais possui a alma deserta. De seus colos
não brota afeto.**

Portanto, um aviso importante

***Tenha muito cuidado com quem
despreza animais.***

**A menina escreveu que Lalinha arrumou um
esconderijo em cima do telhado para dar cria.
A gatinha não conseguiu, já estava velha, e**

**ficou lá sozinha. Um feixe de semanas se
passou até que a menina tivesse forças para
recolher os fragmentos de lembranças da
Lalinha. Ela os colou aqui, junto com uma foto.**

**A cadeirinha azul
A menina de franjinha
A gatinha no colo**

Unidas para sempre

Acredite

***O tempo passa e a história ganha mais força, a
dor da perda adquire cores especiais. A lágrima
da saudade vem misturada com a alegria do
que foi vivido.***

**Foi tanta coisa que a menina me contou que
não teve jeito, fui me apaixonando por todos
os seus gatos. E também fui colecionando
histórias com esses animais fofos e espertos.**

Num dia de muito frio fui deixado pela

menina na poltrona do seu quarto. O gato preto de focinho branco chegou de mansinho. Cheirou minha capa, seu bigode me fez cócegas. Enrodilhado na poltrona, pousou sua cabeça em mim e me esquentou. Dormimos a tarde toda. Isso virou mania e toda vez que eu ficava jogado em algum canto, sozinho lá vinha o gatinho preto esquentar minha capa, ronronando no meu ouvido.

Nem sempre a convivência era pacífica. Peralta, um gatinho branco de cara cinza, num descuido da menina tentou afiar suas garras em mim. Escapei por pouco de ter minhas páginas transformadas em retalhos. Ele levou um peteleco da menina mas não se importou. Desistiu de me arranhar para em seguida pular em cima da mesa puxando as flores do vaso. Foi tudo para o chão. Cacos de vaso se espalharam pela sala. A mãe da menina ficou muito brava e por vários dias ele ficou proibido de entrar em casa. Caramba, aquele gatinho era mesmo lev

Ilusão

Nos desenhos os gatos são malvados. Os ratos se transformam em lindos bichinhos, amigáveis e afetuosos. Caia na real, não se engane! Roedores podem picotar seus livros e documentos no silêncio de uma noite. Seu álbum de fotografias pode se transformar em pó e suas roupas em farrapos que ainda podem servir de berçário para hordas de novos roedores se desenvolverem. Quem despreza um gato, acoberta um rato!

A menina queria escrever e o gatinho de olhos azuis não deixava. Ele subiu na escrivaninha e pousou as patas em minhas linhas. Fiquei marcado com rastinhos de terra. Ela aninhou o gatinho em seu colo e o fez dormir para continuar suas anotações. Ela queria me contar que Bambi, seu gato marrom que usava luvas brancas, havia desaparecido. Aquele fora seu melhor amigo, muito calmo e tranquilo, estava sempre por perto, sem atrapalhar. Discreto, era comilão de ração e sardinhas, sem

nunca ter cometido a baixeza de caçar um passarinho. Puxa, um grande sujeito aquele gato! Foi uma perda irreparável. Nunca se descobriu o que realmente aconteceu com Bambi. Ele chegara ainda bebê na nossa casa, dentro de uma caixinha. Magrinho e chorão, demorou para se transformar naquele gato forte e amoroso. Mas dessa vez, a menina não teve muito tempo para ficar triste. O gatinho de olhos azuis, para nossa sorte, era filho de Bambi, e ainda criança precisava de muitos cuidados. A menina só anotou no espaço que reservara para Bambi: *agora que tudo terminou, te amarei com mais calma*. Fiquei orgulhoso de acolher Bambi. É assim que nos vingamos da morte, através do encantamento da escrita, tudo permanece vivo.

Pergunta
Existe janela sem um gato?

**Gato na janela, olha o mundo
com bigodes de reinado
Espreita lagartixa**

**Faz caso de cachorro na
calçada. Lambe a pata.
E desce orgulhoso de si.**

**Quando a gatinha colorida apareceu
magricela no portão, a menina escreveu que
não queria mais gatos. Entretanto, a gatinha
miava fome. Ela não teve coragem de deixá-la
na rua. A gata comia tanto que ficou muito
gorda. Barriguda. Tudo ela queria: ração de
peixe, carne com arroz, pão com manteiga,
presunto e queijo, pizza, pipoca e até iogurte.**

**Seu preferido era o de morango. Não se
contentando com o cardápio a disposição,
começou a espreitar passarinhos. A menina
descobriu, puxou suas orelhas e ralhou: onde
já se viu, desejar passarinho, sua gata pagã?!**

Brinquedos preferidos dos filhotes

**Bolinhas feitas de jornal, super leves.
Cadarços de tênis, tentadores.
Toalhas de crochê, propícias para balanço.**

Gatos precisam de algum lugar para afiar as unhas. Neste quesito, é unanimidade entre todas as raças: sofás. Eles arranham com vontade a carne macia do estofado, chegam a ficar dependurados. E, se o sofá começa a esfiapar, melhor ainda. Os fiapos soltos dão mais prazer às arranhadas. Móveis de madeira também servem. Eles podem até se estragar, mas o gato fica bem legal depois uma longa sessão afiando as unhas.

Uma consequência inevitável

Gatos quando envelhecem ficam mal humorados.

Isso não significa que você não viverá bem com seu bichano. Mas deverá ter paciência quando ele não conseguir comer alimentos mais duros, ou perder o olfato. Podem exigir atenção exagerada querendo colo o tempo todo ou ainda passar horas dormindo na cadeira da sala, sem admitir visitas.

Falando em visitas, a menina me disse que quando sua tia Izolda veio visitar a família, Ciça já estava velha e ranzinza. Tia Izolda também. Andava arrastando os pés, distribuindo bengaladas pelo ar. Até que uma bengalada encontrou Ciça comendo seu arroz com carne moída, com a idade avançada, já lhe faltavam alguns dentes. Foi bacana. A gata deu um grito sinistro e desenhou um mapa hidrográfico na perna de tia Izolda.

Tia Izolda passou a mandar notícias por telefone.

Esta é uma coisa que não combina
Gatos e visitas

Um gato jamais pisca o olho antes da hora
Vidrado na caça, preciso no bote.

A menina falou que Tiquinho, um siamês mestiço, quando caçava trazia os ratos para ela ver. Ainda vivos. Chegava na varanda, miando alto. Ela aparecia e Tiquinho exibia seus dotes de felino selvagem. Soltava o

ratinho que corria desorientado para depois, num salto de leopardo, pegá-lo novamente. Jogava o ratinho para cima, o abocanhava e rolava pelo chão, sonhando com uma luta feroz pela sobrevivência. Até que se cansava, ia para um canto e comia a caça.

Em seguida começava o seu ritual de higiene. Aliás, outra especialidade dessa turma: limpeza. Tiquinho começava primeiro lambendo a pata, para com ela limpar os bigodes, o focinho todo subindo para os olhos até chegar nas orelhas que ficavam bem escovadas. Depois, era só ir para a poltrona da varanda, estava pronto para dormir o sono dos justos.

Tem gato que não gosta de caçar. Lalinha teve um filhote que nunca caçou. Enquanto ele dormia Lalinha espreitava tocas de ratos no quintal. Quando pegava um ratinho, levava para o dorminhoco que comia a caça com rapidez, lambia os bigodes, se espreguiçava e dormia novamente.

Ao contrário de outros animais os gatos se esmeram nos cuidados com o próprio pêlo tomando banhos diários que são sempre seguidos por alongamentos que lhes garantem a agilidade.

.....

Quando o homem de sapatos marrons mudou-se para o bairro, a vida ficou perigosa. A menina não queria escrever sobre isso. A revolta era muita. Um dia ela tomou coragem e me disse que aquele homem comia gatos. Foram precisos vários invernos para que eu deixasse de sofrer com aquela história. Fifi, uma gata branca de olhos verdes, ainda amamentava seus dois filhotes quando desapareceu. Assim aconteceu com vários gatos do bairro, sumiam de repente. A polícia foi avisada, o jornal da cidade deu a notícia, os moradores faziam reuniões, mas nada adiantou. Os gatos só deixaram de sumir quando o homem, que só usava sapatos marrons e morava sozinho, foi embora. Que alívio!

O sobrevivente

Bolinha, filho de Fifi que sobreviveu, junto com Maluca, uma gata preta, foram os grandes responsáveis pelo repovoamento de bichanos.

Uma grande família de gatos brancos e pretos, suavizaram a paisagem que havia ficado cinza. Então, nasceram Bola Júnior, Bolão, Juninho, Maluquinha ...

O sol voltou a encontrar gatos esparramados nos telhados, lavando seus pelos com saliva, lustrando os bigodes, catando pulgas nas orelhas. Brincando de luta ou com as patas para cima, esperando o sol aquecer suas barrigas.

.....

A menina me apresentou seu companheiro de escola. Ela reservou algumas linhas minhas para que ele deixasse um recado para nós. Ele se sentou, pegou Bolinha no colo e escreveu:

Gato é chato

**É um miado ardido
Que dói o ouvido**

**Gato é chato
É um rabo fazendo aceno
Enchendo nossa roupa de pelo**

**Gato é chato
Aquele boca cheia de dente
Sempre me morde
E fico de sangue quente**

**Gato é chato
Mas existe uma exceção:
A Tigresa já morreu,
Mas vive sempre no meu coração.**

**A menina leu e achou graça. Deram risada e
correram de mãos dadas para o quintal.
Brincaram na terra. Esculpiram casinhas,
ruas e uma praça. Numa latinha redonda
com água foi plantado um sabugo, eis o**

chafariz. No meio da praça a construção mais imponente: a igreja. Folhas de café se transformaram em vitrais, sementes de milho no telhado e um galhinho de jabuticabeira na cruz. Ruas foram pavimentadas com feijões. A cidade foi cercada por um muro de onde brotavam florinhas de laranjeira. Trabalho minucioso acompanhado de perto por Raul o gato mais velho da menina que também escapara do homem que comia gatos.

Cidade pronta, fizeram uma pausa para tomar suco e comer biscoitos. O galo foi quem descobriu primeiro, e logo chamou seu harém. Em segundos a igreja desmoronou. A terra fresca foi um convite para a captura de minhocas. A cidade desapareceu sob ciscadas alegres das galinhas.

O menino ficou enfurecido quando viu sua cidade em ruínas. Atirou uma pedra que partiu a perna da galinha. A mãe da menina não se alterou. Acendeu o fogão a lenha, pegou sua panela de ferro e preparou a galinha para o jantar. O menininho se encolheu para dentro de si e chorou seu remorso. Para alegrar o amigo, a menina lhe deu um gatinho, filho de Maluca e Bolinha. O filhote foi batizado pelo menino de Mirso e segundo a menina, eles fizeram uma grande amizade.

Raul e Bolinha é que gostaram daquela história. Comeram vários pedaços da galinha: pulmões, tripas, cabeça, pés, pescoço, peles. Foi um grande jantar. Em seguida foi só limpar bem os bigodes e correr para o sofá, tirar uma soneca. Porque você já deve ter percebido, vida de gato é assim: comer, lambar os bigodes, alongar e dormir, não necessariamente nessa ordem.

.....

Quando Raul arrumou uma namorada, a menina ficou com ciúme. Escreveu, num cantinho de página, que Raul não ligava mais para ela. Também, Raul nunca saía de casa, sempre agarrado com ela. E, de repente abandonou a menina e começou a passar as tardes com Tigra, a gata da vizinha. Deste encontro nasceram quatro gatinhos, e disso a menina gostou muito. Três filhotes ficaram morando com Tigra. E Teco, que era a cara do pai, veio morar conosco.

Aquele gatinho era apaixonado por peixe. Podia ser frito, assado, arroz com sardinha, peixe fresco, ração de peixe, tudo ele devorava. Aconteceu que um dia a menina ganhou um aquário que foi instalado na estante da sala. Peixinhos vermelhos e amarelos, de olhar despreocupado, nadavam a esmo, inventando caminhos pela água até que Teco os descobriu. Teco subia na estante e passava as tardes grudado no aquário.

Encostava o focinho no vidro com os bigodes em máxima atenção. Arranhava o aquário, retorcendo a ponta do rabo

impaciente. Os peixinhos fugiam de um lado para o outro assustados. Como nada acontecia, Teco desistia, e dormia sua frustração, no quarto, escondido entre as bonecas de pano da menina.

Naquele dia, a menina alimentou os peixes, como sempre fazia, ao chegar da escola. E, desta vez, esqueceu o aquário aberto. Teco, esperou a menina sair da sala, lambendo as orelhas, fingindo calma, para depois, num salto esperto, ganhar a estante e meter a cara dentro do aquário, louco de ansiedade. A água fria, espetou o focinho de Teco que pulou, irritado, de volta para o tapete. Secando o focinho com a pata pensava que diabos aquela água fazia lá dentro!

Foi quando aconteceu. Um peixinho vermelho nadou frenético pelo aquário e deu um grande salto. Caiu no tapete e foi recepcionado por Teco que, com a

mãozinha em concha puxou o peixinho para si. Enfim seu sonho fora realizado.

Dica

Reserve uma parte do seu tempo para brincar com seu gato. Depois deixe que ele durma no seu colo. Faça carinhos no seu pelo macio e escute o ronronado que ele tem só para você. Isso acalma o coração.

.....

A menina cresceu. Agora estou velho e amarelado. Minhas linhas foram todas preenchidas. De vez em quando ela me visita. Passa minhas páginas com cuidado e me lê com atenção. Às vezes sorri, outras, chora, e sei que é de felicidade por tudo que viveu com seus gatos.

**Hei, mas isto não é o fim! Passo os dias
descansando na estante da biblioteca, a
menina não tem mais diário. Daqui de onde
moro, vejo que ela fica horas escrevendo em
frente a uma televisão. E o principal: tem
sempre um gatinho dormindo no seu colo. É
assim que a história sempre continua.**

Um gato

**O olhar hipnótico e abismal do gato
afinado com a tarde brilhante
tem algo de eterno, insolúvel
O céu infinito dentro de seus olhos,
o universo em suas pupilas
Bigodes a espreita
Sonhos de pardais,
ratos e beija-flores
Invejável postura, sempre
vestido de si mesmo
Sinistramente dono das vontades
Muros e telhados à disposição
A liberdade a brotar-lhe dos pés**

**Pegadas suaves nas paredes
só para nos lembrar
a conquista da janela
Não há enganar na existência
do gato:
-Se correr é rato,
se voar é passarinho!**

FIM

AAutora

Mára Cristina Carmello nasceu em Santa Rosa de Viterbo – SP, no dia 22 de abril de 1970. É educadora física formada pela Unesp. Escreve contos, crônicas e poemas desde 1998. Participa regularmente de oficinas literárias, como a oficina literária de contos do professor e escritor Menalton Braff – vencedor do prêmio Jabuti em 2000 com o livro *À sombra do Cipreste* – que resultou na coletânea *Talentos da Literatura*.

Já participou de diversos concursos por todo o país, premiada em:

2000 – 2º lugar no concurso Notas Literárias, Maceió -AL

2001 – 1º lugar no concurso anual do Clube Amigos da Saudade, Ponta Grossa – PR

2005 – Menção honrosa do concurso anual da ANE, Associação Niteroiense de Escritores

2006 – 2º lugar no Concurso de Contos da Fundação Cultural de Canoas – RS

2008 – Menção Honrosa no Concurso de Contos promovido pela Prefeitura Municipal de Niterói – RJ. Foi finalista do II Prêmio Literário Livraria Asabeça

(2003) e do Prêmio Ribeirão Preto de Literatura (2003 e 2004).

Publica, eventualmente, crônicas e poemas na imprensa de sua cidade natal.

A Autora, por ela mesma

Bastou olhar pela janela de seus 6 anos e Mára Cristina Carmello viu um gato.

O bichano foi presente da mãe, Jocelina de Castro. A Rocinha, sua terra natal, virou Nhumirim – no início do século XX – rebatizada pelos construtores da estação ferroviária, razão da existência do povoado que virou bairro de Santa Rosa de Viterbo – SP, no final dos anos de 1970.

Mára nos diz em seu texto maravilhoso: não existe gato reserva. Entretanto, seu falar admite amor mais desvelado para o gato vigente, cotidiano roçar de canelas a implorar por alimento. Sempre com a cumplicidade tácita do pai, Moacyr José Carmello, e das irmãs Regina e Maria da Penha.

Nascida no dia do descobrimento, no ano do tricampeonato mundial de futebol, ela justifica a assertiva: ‘Cada gato é um gato!’

Vejamos: o Bob mamou até depois de erado, sempre a fingir ausência quando Mára se aproximava com ameaça de flagrar o despautério.

A Mãe de Bob, a incomparável e valente Giuli, dona dos próprios desejos, voou para a morte nos dentes do cão aviltador de seu território.

Do Bambi diz guardar ainda o calor solidário recebido em uma noite de desilusão amorosa.

O Jack – cujo nome remete ao ‘tio Jack, fabricante do ‘velho sussurro da morte’ – tem focinho vermelho e se aconchega em seu colo sempre que Mára escreve sobre gatos.

Diversos deles miaram na porta do quarto da professora de Educação Física – Unesp, turma de 1992 – a lhe ensinar coisas que não sabe repassar aos alunos.

Os gatos de Mára passam como a serrania pela janela do trem que a conduz desde menina, cada um em cima do seu pilar, recortando a lua cheia. As almofadas das felinas patas insistem em construir existências de silêncio que ela se acostumou a guardar no fundo do coração.